

A SILVICULTURA EM CONEXÃO COM OS SOLOS

ALCEU DE ARRUDA VEIGA .

Horto Experimental de Tupi
Secretaria da Agricultura do E. de S. Paulo

Um assunto que já se acha largamente difundido em países dotados de uma silvicultura em largo degrau de progresso e que em nosso meio ainda continua no campo das discussões teóricas, é o que se correlaciona com o agrupamento de dados concernentes à qualidade dos solos florestais.

Entre os muitos preceitos da ecologia florestal (BAKER, 1934), há um que procura demonstrar a íntima correlação entre o desenvolvimento das essências florestais com a floresta em questão.

Naturalmente, quando o pesquisador deseja saber se uma floresta está apresentando acréscimos sugestivos, pode, como procediam antigamente, controlar a taxa de acréscimo do volume. Mas, acontece que duas florestas podem conter volumes semelhantes e, no entanto, apresentar desenvolvimentos em altura e em diâmetro diferentes. Daí o conselho previdente que fazem os silvicultores em se escolher a altura das árvores dominantes para êsse contrôle.

O desenvolvimento vertical das essências florestais apresenta íntima correlação com a qualidade dos solos. Um ensaio de espaçamento, pelo método que idealizamos (VEIGA, 1952), pode muito bem demonstrar esta assertiva que não é nossa porque se acha difundida em todos os livros de silvicultura. Assim, quando se procede à distribuição de 5 ou 6 compassos florestais em blocos ao acaso ou em quadrados latinos, o pesquisador tem ocasião de observar o seguinte: o melhor espaçamento ditado pela análise estatística, é o que apresenta maiores alturas no seu primeiro ano de local definitivo. Porém, se comparar cada bloco ao acaso verificará que êsse melhor com-

passo, embora seja sempre o de maiores acréscimos, relativamente às demais distâncias, demonstrará crescimentos em cada parcela (repetição) que diminuem ou aumentam com a qualidade dos solos. Em outras palavras: quando o silvicultor aconselha o plantio do “pinheiro brasileiro” a 1,50 x 1,50, assim procede por saber que esta conífera exige êste compasso como ideal, para início de plantio. Mas, o seu desenvolvimento irá oscilar de conformidade com o solo escolhido, para êsse fim. E é porisso que a época dos desbastes não pode ser previamente frisada para todo o E. de São Paulo.

Com bases nesta assertiva, o técnico paulista deveria proceder a um levantamento de tôdas as reservas florestais e de tôdas as florestas artificiais, visando colher dados dendrométricos que o conduzissem, — de maneira semelhante ao que é executado nos Estados Unidos da A. do Norte — (BAKER, 1934), a separar os diferentes solos em classes discriminatórias de suas qualidades.

Lògicamente, ter-se-ia que padronizar uns tantos quesitos, para facilitar o agrupamento de dados, tais como idade a planta, degrau de desenvolvimento, etc.

Há autores que, ao invés de levar em conta a “arborescência” de determinadas espécies florestais, preferem classificar os solos de acôrdo com a capacidade volumétrica das árvores em uma determinada idade.

SUMMARY

The author has tried to demonstrate the necessity to classify our soils in silviculture by the development of all forest species as it has been made in the United States of America. There are several methods, which must be experimented.

LITERATURA CITADA

BAKER, F. S., 1934 — Theory and practice of silviculture, 1a. ed., 3a. imp., XIV + 502 pp., 51 tabs., 87 figs. McGraw Hill Comp. Inc., New York and London.

VEIGA, A. A., 1952 — Contribuição para a experimentação em silvicultura. Dados sôbre espaçamentos. 55 págs., 21 quads., 8 figs. Tese para obtenção do grau de Doutor em Agronomia pela E. S. Agricultura “Luiz de Queiroz”, Piracicaba.